

O PAPEL DA ESCUTA DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NO CONTEXTO DE DESIGUALDADES

Aline Carla Azevedo Matos Santos ¹

Claudia Braga de Andrade ²

INTRODUÇÃO

Compreender o sujeito em seu contexto social faz-se necessário para torná-lo capaz de desenvolver suas potencialidades e percorrer seu caminho na educação. A orientação educacional é campo profícuo da gestão, necessário ao desenvolvimento integral do sujeito, vez que a partir do atendimento aos estudantes, às famílias e aos profissionais da educação, é possível realizar a escuta e aquilatar as necessidades do aluno, oferecendo encaminhamentos efetivos.

Através da orientação educacional, é possível estabelecer o diálogo entre escola, professores e família no que tange a questões pedagógicas, afetivas, familiares e sociais, identificando as questões a serem trabalhadas, propondo e executando estratégias com o grupo ou individualmente, com ações voltadas ao desenvolvimento físico, emocional e intelectual do discente e à formação de cidadãos.

Agente na promoção da gestão democrática da escola, o orientador educacional se aproxima da realidade dos alunos, corroborando o princípio de que a educação é um ato político, que se realiza mediante a escuta e a relação dialógica no ambiente escolar. Neste contexto, cabe ao orientador estar atento às transformações sociais, políticas, econômicas, e aos impactos delas decorrentes, a fim de possibilitar o acesso à educação integral pelos estudantes.

Pensando na realidade brasileira marcada por desigualdades estruturais, vulnerabilidade social, pela exploração neoliberal do indivíduo e sofrimento sócio político, compreende-se a relevância da escuta desses estudantes como forma de enfrentamento e promoção da educação integral.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar a função do orientador educacional como suporte para educação e a relevância de sua função, à medida

¹ Mestranda da Linha de Políticas Públicas, História e Cultura em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ, aazevedomatossantos@gmail.com;

² Professora Adjunta da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- RJ, claudia.andrade@unirio.br.

que viabiliza a escuta dos estudantes e demais atores da educação diante do contexto de desigualdades e vulnerabilidade.

O presente trabalho se justifica mediante a escassez de pesquisas acerca do tema orientação educacional, da relevância da escuta no contexto educacional, especialmente, em contexto de desigualdades sociais, tendo sido estruturado por meio de pesquisa qualitativa, revisão de literatura sobre os temas escuta, psicanálise, orientação educacional e educação, no qual foram utilizados livros, artigos, teses e dissertações, além da observação do exercício da função do orientador educacional na prática durante o seu desenvolvimento.

METODOLOGIA

O presente trabalho adotou metodologia qualitativa, a partir da análise de fenômenos sociais e comportamentais, baseados na revisão de literatura de livros, artigos, teses, dissertações, entrevistas e outros recursos disponíveis nas bases de produções acadêmicas. Neste contexto, foi observado o exercício de escuta presente na função do orientador educacional na prática e sua contribuição para os estudantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação é considerada como processo de socialização da cultura, é prática constitutiva e constituinte das relações sociais, que se estruturam em distintas concepções de homem, mundo e sociedade, sendo a escola importante espaço para o desenvolvimento do saber, para a construção do sujeito, do cidadão, de estabelecimento de laços de fratria e pertencimento.

A escola se organiza com a participação de diferentes atores que incluem professores e gestores (DOURADO, 2007). A orientação educacional atua no acolhimento das demandas dos estudantes, na mediação de conflitos, e no apoio aos professores em casos que demandam escuta atenta.

Assim, para que isso ocorra, é necessário que o orientador esteja sempre atento às transformações sociais, econômicas, políticas e estruturais em seu tempo, a fim de compreender e identificar as demandas dos estudantes e familiares, contribuindo para o desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social, ou seja, a educação integral dos estudantes (BRASIL, 1996, art.29).

Analisando a realidade brasileira marcada por desigualdades estruturais, vulnerabilidade social, e exploração neoliberal do indivíduo, vemos a existência de grande

sofrimento sociopolítico e pouca importância ao sentido da vida e da experiência compartilhada. Estruturas como classe, família, sexo, vizinhança foram fragilizadas, deixando ser coletivas para se tornarem individualizadas, evidenciando a perda de referências simbólicas, sentimento de não-pertencimento, de não filiação, de referência do outro, das estruturas e dos símbolos presentes na sociedade.

O orientador viabiliza a existência de espaços de diálogo e escuta na escola (SOUZA SILVA), possibilitando o compartilhamento do sofrimento, seu reconhecimento, e ressignificação, sendo o enfrentamento coletivo um recurso à orientação educacional.

A escuta é um processo de empatia e "valorização da alteridade" (DUNKER, p.115), que requer trabalho e dedicação, se faz pelo cultivo, quase uma arte, "que não deixa obras visíveis, mas tão somente efeitos e palavras" (DUNKER, p.123). A escuta é "simultaneamente uma experiência política e ética". Ela "envolve uma certa indeterminação da lei, simétrica entre os participantes e sua generalização" (DUNKER, p.127). O ato de escutar se realiza por meio de conversas longas, mais complexas e também difíceis (DUNKER).

No âmbito educacional, compreendendo o mal-estar como inevitável, uma vez que é parte da civilização, o espaço propiciado pela orientação educacional para escuta se constitui como importante instrumento para elaboração do mal-estar e criação de formas para lidar com ele. (ANDRADE e COUTINHO).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A orientação educacional é área da gestão educacional, cuja função é acompanhar o desenvolvimento dos estudantes; estabelecer o diálogo entre família, escola e professores; identificar as questões a serem trabalhadas, propondo e executando estratégias com o grupo ou individualmente, objetivando o desenvolvimento físico, emocional, intelectual, e social dos estudantes.

Neste contexto, é importante reforçar a existência do espaço de escuta, pois os jovens não se sentem escutados, compreendidos (CARNEIRO e COUTINHO), e se questionam se há realmente interesse em escutá-los. Muitos não sabem quais são seus espaços, como ocupá-los ou neles transitar, o que é agravado pelo fato de que nossa sociedade se constitui por desigualdades estruturais, vulnerabilidade social, pela exploração neoliberal do indivíduo.

O erro deixa de ser experiência para ser concebido como fracasso e falha, sendo atribuída pouca importância ao sentido da vida e à experiência compartilhada, e não havendo experiência, não há alteridade, tampouco trocas e palavras. Isto é, há grande dificuldade no discurso e na compreensão destes estudantes.

Porém, para que seja acolhido o sujeito, “há de haver uma aposta, um desejo, uma abertura para a escuta” (CARNEIRO E COUTINHO, p.90), bem como, a legitimação do mal-estar levantado pelos estudantes (CARNEIRO E COUTINHO).

Assim, considerando que a educação é prática social e que a escola deve ser espaço de pertencimento, enfrentamento e construção do sujeito e cidadão, devem ser criados espaços para a escuta, a dialética, para a elaboração do desejo, da experiência, e, por conseguinte, para o enfrentamento ao sofrimento sócio político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, ressaltamos que a escuta é essencial à função do orientador educacional, pois através desta abordagem é possível ao orientador aquilatar as necessidades dos estudantes, propiciar espaços dialógicos como formas de elaboração do mal-estar, bem como, encaminhamentos efetivos quando necessários.

Através da escuta e da reflexão, é possível apoiar os estudantes em condição de vulnerabilidade, suas formas de subjetivação, o reconhecimento destes sujeitos, e o respeito entre os indivíduos, colaborando, assim, para o resgate da fratria entre os estudantes e o fortalecimento dos laços sociais.

Palavras-chave: Orientação educacional; Escola; Escuta e Desigualdades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

ANDRADE, C. B. & COUTINHO, L. G. A escola é nossa: uma escuta do movimento das ocupações. In: Pereira, M.R. (org) Os Sintomas na Educação de Hoje: Que Fazemos com Isso?, Scriptum Ed., 2017. ISBN 978.85-9494-004-9.

CARNEIRO, C. & COUTINHO, L. G. Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: estudo de casos em psicanálise e educação. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020. 132 p. E-Book: 1,1 Mb; PDF.

DOURADO, Luiz Fernandes. Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas. In: Educação & Sociedade. V. 28, N. 100. Campinas: Cedes, 2007. p. 921-946, Especial - Out. Acesso em: 30/07/2024

DUNKER, Christian. Paixão da Ignorância. A escuta entre Psicanálise e Educação. São Paulo: Contracorrente, 2020.



SILVA, João Roberto de Souza. Formação e atuação do orientador educacional: perspectivas interdisciplinares. 2018. 149 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

